





O espetáculo tem de continuar

Paulo Pimenta

O circo chegou à cidade, agora sem feras e sem macacos cientistas ou elefantes voando, como dizem as canções. Agora, o circo tradicional não inclui animais, mas não deixa de fazer sonhar as plateias que olham a arena, marcando uma nova fase. Durante os meses de novembro, dezembro e o início de janeiro, andei pelo Grande Porto à procura das imagens para além dos espetáculos diários com horas marcadas. Fui ao clássico Circo do Coliseu, passei pelo Parque da Cidade com o Circo Cardinali, e fui a Vila Nova de Gaia ao Circo Mundial. Procurei as histórias dos artistas, cujas vidas para lá das cortinas e além das horas infinitas de viagem inclui a montagem e desmontagem das tendas, as rotinas familiares e o amor que mantêm à vida de artista que escolheram. Os apoios básicos não chegam, o trabalho é duro, mas a maquilhagem, os fatos brilhantes e coloridos, as luzes e as palmas, fazem por momentos esquecer a luta permanente e todo o esforço para fazer sonhar os outros com o próprio sonho. O espetáculo tem de continuar, porque “o circo é alegria de viver”, como diz o BenJor.

“Um salto no escuro”

Conversa com **Joana Moraes.**
Por **Fátima Castro Silva.**

FCS O que é que levou o Musgo a abeirar-se do universo do circo tradicional?

JM Não sou apaixonada pelo circo tradicional, mas o imaginário do circo sempre me atraiu. Foi um tema que surgiu de modo natural. Normalmente, os temas nem partem do coletivo, tenho uma ideia para um espetáculo e proponho-lhes. Neste caso, estávamos a fazer uma produção e tínhamos um amigo ator a trabalhar como apresentador num circo que nos contava imensas histórias. Fui ver o espetáculo, comecei a interrogar-me sobre o que se passaria nos bastidores e a pensar que era um tema rico do ponto de vista humano. Esse foi o ponto de partida. Depois, comecei a achar muito interessantes os aspetos que lhe estão associados, a precariedade e uma dedicação extrema, que nós, atores, também podemos ter, mas não da mesma maneira.

O João Pamplona falava mesmo de uma espécie de espírito de missão.

Quase. Mas é impressionante toda aquela dedicação e empenho por uma coisa que é tão frágil. Muita gente tem profissões em que pode ter uma vida em conformidade, mesmo nós, atores, mas os artistas de circo têm de ter um cuidado especial, têm de estar fisicamente aptos e por isso o seu empenho tem de se estender pela vida toda.

Visto de fora, o lado da vida quotidiana de um artista de circo e o lado da sua arte parecem ser quase indissociáveis.

Sim, e daí advém essa necessidade de uma dedicação brutal. Focámo-nos mais nos circos tradicionais, mas curiosamente, quando fomos ao Coliseu, deparámo-nos com uma realidade interessante: havia uma dupla de irmãos romenos, uma artista de *cloud swing* que viajava com o pai, em tempos ginasta, e uma outra, de catorze anos, uma estrela, sempre acompanhada pelos pais. O circo é a vida deles. Os pais dedicam-se a essa vida e os filhos também. Formam-se assim pequenos núcleos, que em alguns casos são maiores. Tenho uma predileção especial por estas questões sociais e humanas, por saber como as pessoas se organizam, a que é que se dedicam, como é que a vida acontece. Na pista, mostram

um lado heroico, impossível de alcançar para a maioria das pessoas, mas não deixam de ser isso mesmo, pessoas.

..... ★

O que acompanhamos em *BREU* é a realidade de uma família de artistas. Há um paralelo entre nós, atores, e os artistas de circo, se bem que, mesmo assim, tenhamos mais regalias. Em Portugal, o circo tradicional não é apoiado, não é considerado cultura, enquanto o teatro, ainda que pouco, vai tendo esses apoios.

Pedro Roquette

..... ★

Na escolha do lado do breu, do desconhecido para lá da cortina, esteve alguma tentativa de resgatar o circo de uma menorização que os seus artistas sentem na pele?

Falámos sobre isso, mas esse pensamento veio *a posteriori*, não foi o mote. Quando, há algum tempo, comecei a pensar no tema do circo, assaltava-me a sensação da sua gente ser por nós metida a um canto, da sua realidade nos passar completamente ao lado.

Este espetáculo ergueu-se a partir de material recolhido durante visitas a circos. O que é que delas enforma *BREU*? Dito de outro modo, essa etapa foi uma revelação?

Foi, e era essencial para mim. Começámos por ver filmes e documentários sobre o circo, mas não é a mesma coisa, há uma distância. Quando os visitámos, houve um contacto direto e um questionamento da parte deles sobre o que queríamos fazer. Eu própria tinha uma questão: será que isto é tudo uma fábula que temos na cabeça, que os artistas têm a sua própria casa e vêm todos os dias fazer o seu número, [risos] como é que isto funciona na verdade? O contacto com eles fez-me perceber a normalidade da sua vida, nós é que não a achamos normal, mas é uma outra normalidade. Tanto é assim que socialmente há formas de eles se enquadrarem, há a escola móvel, regras para poderem mudar de escola conforme mudam de terra, existe mesmo um estatuto para eles, para os itinerantes e circenses. Esse confronto permitiu

também abordar questões em relação às quais temos uma opinião fechada como, por exemplo, o assunto dos animais no circo. Somos socialmente a favor da liberdade e da não opressão. Mas para mim o impacto foi tão grande que fiquei com outra perceção, pelo menos percebi muito bem o lado deles. Os artistas de circo vivem de facto com animais que usam para números, mas de uma forma extremamente integrada no quotidiano, parecida com a de cada um de nós com os animais domésticos. De repente, proíbe-se a existência de animais no circo e ninguém está a pensar na realidade do que isso implica. Ao abrir o coração a eles, pretendemos relativizar a perspetiva social tão radical em relação a este assunto.

..... ★

BREU é como quando ficamos encandeados por um *flash* e tateamos as formas nessa cegueira. É como um decalque de tudo o que está por detrás desse *flash*, do brilho do circo. Essa escavação é muito prazerosa para nós. O *devising** é muito generoso com o produto final e connosco, dá-nos um treino de generosidade fabuloso.

Ana Vargas

..... ★

O fascínio do mundo do circo sempre atraiu outras artes. Falaste há pouco dos filmes e documentários que viram na fase de pesquisa. Que referências foram buscar?

Fizemos uma pequena seleção, entre muitas que se poderiam fazer. *A Estrada* (1954), de Fellini, foi um dos filmes, onde se revela a crueza da itinerância e da precariedade. Mostra um microcirco de uma forma muito dramática, é uma espécie de extremo desta realidade, porque a vida destas pessoas não atinge esse grau de dramatismo. Mas a fragilidade das personagens tocou-me. Depois, Chaplin e *O Circo* (1928), porque o que vemos nesse filme não é assim tão diferente do que vemos hoje. O circo tem este lado de preservar a tradição, com os números dos palhaços, do funâmbulo ou do mágico. É claro que também se supera e inova, mas essa preservação da tradição é interessante e continua a ter impacto.

Essa linhagem ou testemunho geracional é abordada em *BREU* e depois estabelece-se um contraponto entre o circo tradicional como empresa familiar versus uma máquina de entretenimento que é o grande circo reconvertido.

Sim, essa acabou por ser uma das outras revelações. Para lá do lado espetacular, um circo tradicional é a empresa de uma família, um negócio que tem uma arte associada e que eles levam avante contra todas as dificuldades. Na altura em que fizemos a pesquisa, só tivemos acesso a circos maiores porque os pequenos se lhes juntam ou desaparecem. Mas eles preservam o cunho da tradição. Há uma linguagem que é dominada porque é tradicional, embora se procure inovar. Há também uma enorme capacidade de adaptação: se não pode haver números com animais, e isso foi um choque tremendo para eles, é preciso seguir em frente. Há uma frase que usamos em *BREU* e que lhes ouvimos quase *ipsis verbis*: “Sou a quinta geração de circo e sempre vivemos com animais.” De uma forma natural, há uma luta pela sua sobrevivência. E por aí há uma identificação connosco que à partida não vi. Também nós, no teatro, nos dedicamos por amor e é isso que nos faz continuar, também é uma luta, como o é para todos os que vivem em situações de precariedade.

Um dos aspetos mais interessantes em *BREU* é a forma como, do retrato do lado humano, se desprende um lado humorístico. Esse humor que percorre o espetáculo parece-me dedo vosso enquanto processo de trabalho. O humor atrai-nos, embora eu não goste de pensar num espetáculo com a ideia de criar uma comédia. Essa premissa não é interessante para mim. Gosto de pensar num tema e questionar-me sobre ele. Este grupo de pessoas, o Musgo, tem este olhar humorístico sobre as coisas. Gosto de puxar por isso, por um lado mais surreal e absurdo. Os assuntos podem ser muito sérios mas serem abordados por um lado mais ácido ou satírico. O nosso olhar não é documental, é ficcional, prende-se com a forma como contamos histórias para chegar a uma verdade.

..... ★

O breu é aquele lugar onde vamos e confrontamos a nossa sombra, dos nossos medos aos sonhos, e onde tomamos consciência da nossa imperfeição e da impossibilidade de certas ilusões. A minha personagem em *BREU* navega por aí, por esse lugar íntimo de verdade.

João Pamplona

..... ★

Isso leva-me aos solilóquios das várias personagens de *BREU*, porque é como se lhes oferecesses um tempo para se pensarem a si próprios. Num dos ensaios, estavas mesmo a jogar com a ideia de *ralenti*, de abrandar o tempo. No espetáculo, esses solilóquios aparecem de formas diferentes. Nuns casos, o tempo parece que pára, noutros a personagem que fala está no seu mundo e as outras nos delas. Cada personagem tem uma forma própria de ter o seu momento, um espaço e tempo para falar. Esta ideia dos solilóquios é uma questão que me tem perseguido nos meus espetáculos, embora não em todos. Acho sempre que as pessoas precisam do seu tempo para falar, pensar ou partilhar. Embora tivesse pensado não os usar, achei que as personagens precisavam do seu espaço de reflexão porque vivem em família e num entorno denso.

Parece-me que o mundo do circo, pelos elementos de aventura e risco, se predispõe a espelhar o salto no escuro do *devising*. Como se a forma de criação e o seu objeto se olhassem mutuamente. Esse pensamento veio também *a posteriori*. Nós mantemos um lado aventureiro, saltamos para o abismo de outra maneira.

Há várias maneiras de andar sem rede, de não ter rede. É isso, e esta é realmente uma forma de criação sem rede. É engraçado descobrir esse paralelismo com o circo durante o processo criativo. É mesmo uma aventura, uma loucura, mas uma loucura boa. O *devising* é um princípio criador, a metodologia muda a cada espetáculo, mas há uma linha que seguimos no Musgo. Há muita direção minha, os atores estão sempre disponíveis para o que lhes proponho e jogam com essas propostas. São muito generosos.

..... ★

A constante imprevisibilidade da vivência num circo é um espelho do caminho que o Musgo percorre em todos os espetáculos. Nós, atores, estamos sempre num constante breu a trabalhar com a Joana. Ela diz-nos segredos, desde o primeiro dia. Envolve um salto no escuro e um questionamento contínuo, uma confiança permanente.

Gilberto Oliveira

..... ★

Tanto quanto sei, *BREU* é o vosso primeiro espetáculo pensado de raiz para um palco convencional. Sim. Tivemos o *Revelário*, um espetáculo a partir da ideia de confessional, pensado para um palco não completamente convencional, mas mesmo assim um palco.

Este palco convencional é um constrangimento ou uma caixa preta de possibilidades? Acho que tem os dois lados. Gosto muito de espaços reais, mas não deixa de ser fascinante ter uma caixa preta com muito espaço para criar. Ao mesmo tempo, parece que o palco nos distancia um pouco do público. Há um lado intimista nos nossos espetáculos e o palco pode eventualmente criar uma distância maior. Mas é também um mergulho, o estar numa sala escura. Foi um novo desafio. O TNSJ dá-nos as facilidades que não temos no dia a dia. Somos também um bocado circenses, muitas vezes vamos para um sítio em obras, limpamos, carregamos tijolos, montamos plateias e arranjamos cadeiras. Se calhar, o meu fascínio pelo circo vem também daí. Neste caso, facilita-nos o trabalho e dá-nos liberdade e tempo para outras coisas.

Quando pensei na ideia do palco como caixa preta, era também no sentido de linhagem, de tradição, como há pouco falámos. Ao habitarem pela primeira vez essa caixa preta, também contribuem para o que nela se guarda como memória e testemunho. É realmente curioso estar a fazer este espetáculo num palco. Ainda se falou em fazê-lo numa tenda. [*risos*] Mas de repente, ao estar num palco, há realmente essa tradição do teatro e do palco de que falas.

Estás envolvida neste espetáculo como diretora artística e atriz.

O que é que esse vaivém entre o estar dentro e fora implica?

É uma aventura muito grande. Já o tinha feito num espetáculo pequeno, só com dois atores, eu e o Gilberto [Oliveira], e embora tivesse sido também um desafio, era tudo mais controlado. Este é um espetáculo maior, tem outra dimensão. É um desafio alucinante. Particpei desde o início nas improvisações, porque tenho muito gozo nisso, é quase irresistível, tendo eu formação de base como atriz, mas estive até à última para decidir se participava dessa forma no espetáculo. É um risco estar dentro e fora. Preciso de ver de fora para compreender o que está a acontecer. Filmo alguns ensaios porque preciso de uma referência externa.

Do olho objetivo da câmara.

É. Os meus colegas incentivaram-me a ficar como atriz, deram-me força, senão se calhar teria desistido. Dirigir, estar dentro, escrever o texto em casa, construir um todo, é de alguma forma um bocado megalómano. Não vou dizer que às vezes não seja assustador, mas é também muito fascinante. E esse fascínio faz com que nos atiremos às coisas ainda mais às cegas. Ao mesmo tempo é engraçado, dentro do percurso do Musgo, criar novos desafios.



Em geral, as pessoas têm uma ideia um pouco romantizada do que é o circo, e às vezes sinto que também têm uma ideia romantizada do que é ser atriz. Isso interessa-me em BREU, essa ligação entre o glamour do circo e também do teatro, do que é ser ator ou atriz e o que é na verdade a nossa vida, a normalidade da vida nos bastidores.

Sara Costa



De certa forma, o percurso do Musgo desembocou aqui.

Sim. Estes processos já criam alguma angústia pela miríade de possibilidades e pela necessidade de fazer opções baseadas em questões racionais, sensoriais e emocionais. Ao estar dentro, esse discernimento não é tão fácil. É um

processo muito exigente. No início, pensei em ter mais atores do que estes, mas não tínhamos capacidade financeira. Daí ter pensado em entrar também, não só pelo prazer mas também pela necessidade. Este lado de exploração e criação é muito interessante para nós, mas queremos chegar a um objeto que possa ser partilhável e predispono-nos a isso. É uma premissa.

Um aspeto que me tocou foi o facto de usares música clássica e ópera a pontuar as cenas quotidianas das personagens. Isso confere-lhes um pathos que é tocante.

Sim, porque há um lado bonito na simplicidade da vida, no dia a dia. A banda sonora tem vários lados, mas há ali uma elevação, um toque de sublime no que é banal. E é tudo muito poético, mesmo esta forma de vida dos artistas de circo.

Tenho para mim que esse lado poético advém do facto de, dentro da sua microempresa, eles se gerirem a si próprios e de certa maneira serem donos dos seus destinos.

São, e isso é muito engraçado. Eles valorizam muito aquela liberdade, não querem trocar a vida de circo por nada. Até dizem “quem nasce no circo fica no circo”. É muito bonito e de certa forma poético, e eu queria que isso transparecesse no espetáculo.

* Processo colaborativo de pesquisa e criação de raiz de material para cena.

ficha técnica TNSJ

produção executiva **Eunice Basto**
direção de palco **Emanuel Pina**
adjunto do diretor de palco **Filipe Silva**
direção de cena **Cátia Esteves**
luz **Filipe Pinheiro** (coordenação),
Adão Gonçalves, Alexandre Vieira,
José Rodrigues, Nuno Gonçalves,
Rui M. Simão
maquinaria **Filipe Silva** (coordenação),
Adélio Pêra, António Quaresma,
Carlos Barbosa, Joaquim Marques,
Jorge Silva, Lídio Pontes, Paulo Ferreira
som **Francisco Leal** (coordenação),
Joel Azevedo

apoios TNSJ



apoios à divulgação



agradecimentos TNSJ

Câmara Municipal do Porto
Polícia de Segurança Pública
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

apoios BREU



agradecimentos Musgo

Agente a Norte, André Borges, ASSÉDIO, Circo do Coliseu, Circo Mundial (Carol e Rúben Mariani), Circo Soledad Cardinali (Alverca Soledad, Joaquim e Enzo Cardinali, Carlos Dias), Circolando, Diana Roquette, Emílio Gomes, Erva Daninha, Graça Barreto, Gustavo & Olívia, Isalinda Santos, Lix, Loja Círcos (Cedofeita), Luísa & Alice, Mariana Ferreira, Nuno Carinhas, Pedro Lima, Salto – International Circus School, Sara Marques, Simone Pais, Sofia Silva, Susana Madeira, Tânia Dinis, Tiago Maia
Um agradecimento especial a todos os que apoiaram o Crowdfunding BREU.

agradecimentos Paulo Pimenta

Circo do Coliseu, Circo Mundial, Circo Cardinali, TNSJ, Manuela Hora Carvalho, Joana Moraes, Musgo

Teatro Carlos Alberto

Rua das Oliveiras, 43
4050-449 Porto
T 22 340 19 00

www.tnsj.pt · geral@tnsj.pt

edição

Departamento de Edições do TNSJ

coordenação **Fátima Castro Silva**
fotografia **Susana Neves**
design gráfico **Dobra**
impressão **Greca – Artes Gráficas, Lda.**

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis ou relógios com sinal sonoro é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.

BREU

direção artística e criação
Joana Moraes

construção de texto
Joana Moraes
cenografia
Coletivo Monte

figurinos
Inês Mariana Moitas
desenho de luz
Manuel Alão
sonoplastia
Joana Moraes
João Pedro Brandão
produção executiva
Marta Lima

interpretação e cocriação
Ana Vargas
Gilberto Oliveira
Joana Moraes
João Pamplona
Pedro Roquette
Sara Costa

artistas circenses
Margarida Monteny
Maria Brunale
Sara Sabina Arizmendi
Valentina Quargemtam

coprodução
Musgo
TNSJ

dur. aprox. 1:20
M/12 anos

Teatro Carlos Alberto
14-23 fevereiro 2019
qua+sáb 19:00
qui+sex 21:00
dom 16:00

Estreia

Conversa pós-espetáculo
17 fev

TeCA · Sala de Vidro
14-23 fevereiro 2019

O espetáculo tem de continuar
Exposição fotográfica de
Paulo Pimenta

edição de vídeo
Ana Maia

o tnsj é membro da

